

Porque se com- pram votos

11. v. 52 RAUL PILLA

O mais seguro escudo contra a corrupção eleitoral é, por certo, o sigilo do voto. Outras disposições legais poderão favorecê-la ou dificultá-la, mas é o segredo do sufrágio o que realmente protege a personalidade do eleitor contra as opressões, desde a do poder político até a do poder econômico. No recesso do gabinete indevassável, pode o cidadão readquirir integralmente o uso da sua consciência, de ordinário submetida às mais variadas pressões sociais.

Como se explica, pois, que justamente com a prática do voto secreto tenha coincido essa escandalosa irrupção do dinheiro em nossa atividade eleitoral? Antes, não tinha êste influência, porque não havia prôpriamente eleitores e, não os havendo, não se poderiam comprar. As eleições eram farsas que se decidiam entre poucos. Agora, porém, o voto vale, o voto conta-se e, por um voto, perde-se a eleição. Apareceram, por isto, os compradores de votos, embora conhecessem o risco do negócio. Realizamos um imenso progresso em relação ao «bico de pena». É um mal a compra de votos? Sem dúvida nenhuma. Mas muito maior mal é que os votos não mereçam ser comprados.

Resta agora, para que o mal desapareça, que o eleitorado se eduque e conheça o valor do instrumento que lhe entregaram. O sigilo do sufrágio destina-se justamente a preservar-lhe a consciência. Tão válidos são, no gabinete indevassável, os compromissos do eleitor com os sobas da terra, como com os compradores de votos. Moral e legalmente deve êle considerá-los in-existentes, se violentam a sua consciência de cidadão. É para isto que serve e foi para isto que se instituiu o voto secreto.

Os que agora se escandalizam com a influência eleitoral do dinheiro, só têm, pois, um meio certo de a eliminar sem prejuizo de certas providências complementares: promover a educação do cidadão. Quando se verificar que o eleitor pode simular a própria corrupção, mas depois exerce lealmente o seu dever para com a coletividade, então estará naturalmente morta a influência do dinheiro. A ninguém agrada gastá-lo em vão.